



GARRINCHA: O (ANTI-)HERÓI PELO OLHAR DOS CRONISTAS

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

Gustavo Araújo de Freitas*

* garafreitas@hotmail.com
Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UFMG.

RESUMO: Garrincha foi uma dessas personagens tão marcantes na memória coletiva brasileira, que é praticamente irrealizável apreendê-lo em toda sua dimensão. Contudo, isso não nos impede de vislumbrar alguns dos traços mais característicos que o identificam com a nação, sobretudo, a partir de um determinado recorte; e, nesse sentido, nada melhor do que nos valermos da crônica, que, afinal, foi um gênero que se especializou no Brasil, dentre outras coisas, no tema do futebol, e onde se encontram também os principais registros literários sobre Garrincha. Logo, a partir desses registros, é possível buscar desvendar um pouco mais dessa personagem que chegou mesmo a alcançar o estatuto de um herói, ou, diríamos até, de um “anti-herói” nacional, e isso por intermédio de cronistas de grande prestígio como: Mário Filho, João Saldanha, Stanislaw Ponte Preta, Paulo Mendes Campos, Armando Nogueira, Nelson Rodrigues.

PALAVRAS-CHAVE: Garrincha; futebol; crônica esportiva.

RÉSUMÉ : Garrincha est un personnage de la mémoire collective brésilienne très important et c’est en fait difficile de comprendre toute la dimension de sa représentation. Toutefois, il est possible de remarquer quelques traits de son caractère qui l’attachent à la nation, surtout, selon une certaine perspective. Et, dans ce cas, la chronique sportive est un bon paramètre pour notre analyse ; il s’agit d’un genre qui, entre autres choses, s’est spécialisé, au Brésil, dans le domaine du football, et, en effet, plusieurs chroniqueurs ont écrit sur Garrincha, par exemple : Mário Filho, João Saldanha, Stanislaw Ponte Preta, Paulo Mendes Campos, Armando Nogueira et Nelson Rodrigues. A vrai dire, la chronique a très souvent mis en relief l’image de ce personnage qui a atteint un statut d’un héros ou, plutôt, d’un antihéros national.

MOTS-CLÉS: Garrincha ; football ; chronique sportive.

Adentrar os meandros todos que levam à construção de uma imagem como a de Garrincha na memória coletiva do brasileiro é sem dúvida algo irrealizável; isso não nos impede, porém, de tentar vislumbrar melhor diversos aspectos desse constructo, em particular, à luz de uma perspectiva determinada, mesmo que, ainda assim, possamos nos deparar com a impossibilidade de mapear todas as informações. Com efeito, propomos em nossa análise um recorte – as crônicas de futebol no Brasil – conquanto essa delimitação também nos coloque defronte uma quantidade de informações inapreensível, mas que, de fato, não nos priva de tentar abranger o máximo possível delas e esboçar assim uma visão mínima de conjunto que, embora panorâmica, possa revelar também um pouco mais dessa personagem que, afinal, sob os olhares atentos de nossos cronistas, veio a atingir o estatuto de um herói, ou, melhor, de um “anti-herói” nacional.

Ainda com relação a esse recorte, é oportuno destacar que o mesmo não é meramente fortuito. A crônica – publicada, sobretudo, na mídia impressa –, foi no Brasil um gênero que há muito se especializou, dentre outras coisas, em falar sobre futebol. De modo que também os principais registros literários sobre Garrincha encontram-se, o mais das vezes, nesse tipo de texto, onde, diga-se de passagem, são inumeráveis.

E, a propósito, se, na literatura brasileira, por diversas vezes, a esse gênero foi atribuído um *status* de “menor” – devido, em grande parte, a seu posto liminar entre o literário e o jornalístico –, é justamente pelas características que lhe conferiram tal *status* que podemos entender também melhor a íntima relação que veio a estabelecer com o tema do futebol; aliás, é digno de nota que esse veio a cair nas graças de nossos cronistas a ponto de encontrarmos na crônica futebolística, como bem atentou Silva, praticamente todas aquelas características que definem o gênero cronístico.¹

Ademais, não negligenciemos o fato de que tal relação fundamenta-se sobre raízes profundas de nossa cultura, o que, muitas vezes, passa despercebido, seja pelo próprio uso da linguagem coloquial, aparentemente descompromissada, da crônica; seja pelo caráter transitório de seu veículo preferencial, a mídia impressa; ou até por sua própria perspectiva que, afinal, não é a daqueles “que escrevem do alto da montanha”, como teria sugerido Antônio Cândido, “mas do simples rés do chão”.²

Sendo assim, parece também apropriado que, antes de nos atermos com maior acuidade a algumas passagens exemplares de nossos cronistas, passemos em revista as peculiaridades que fizeram desse um gênero tão propício à temática do futebol e no qual vieram a se ambientar tão bem personagens como Garrincha.

1. SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p. 35.

2. CÂNDIDO. *A vida ao rés do chão*, p. 14.

FUTEBOL E GARRINCHA NA TRADIÇÃO CRONÍSTICA BRASILEIRA

Antes de tudo, não devemos perder de vista os aspectos que o meio privilegiado de circulação da crônica lhe imprimiu, tais como: a extensão mais curta, a tendência em abordar acontecimentos que foram notícia e, enfim, a própria linguagem. Não há, pois, nenhuma dúvida de que essa inclinação para o relato breve e coloquial de fatos observáveis no dia-a-dia, familiares ao leitor, propiciou que se acomodasse tão confortavelmente na tradição da crônica brasileira também esse tema tão cotidiano, tão rico em casos e anedotas, que é o futebol, tão “desligado das esferas ‘sérias’ da vida”, diria Silva.³

Contudo, também não podemos nos esquecer de que a referida tensão gerada pela linguagem – limítrofe, a um só tempo, da jornalística e da literária –, e que possibilitou a consequente consolidação do gênero, fez com que, a par das semelhanças, a crônica viesse a se distanciar tão radicalmente daqueles textos de seu principal meio de divulgação que podemos, até mesmo, tratá-la como uma insuspeita “ovelha negra”, a exemplo do que propôs Silva.⁴

E, de fato, isso nos remete à própria história do gênero no Brasil, que tem origem, sob influência francesa, no chamado “folhetim”, onde se discorria, em nota de rodapé, sobre os mais variados assuntos do dia, mas que, aos poucos, foi “ganhando certa gratuidade”, conforme ressaltou Cândido,

e assim, “largando cada vez mais a intenção de informar e comentar [...] para ficar, sobretudo, com a de divertir”.⁵

E assim, a crônica ganhou contornos tão peculiares em nosso país, que aos poucos foi deixando de ser um “apêndice do jornal”, para usar os termos de Arrigucci Júnior, e passou a adquirir “uma dimensão estética e relativa autonomia, a ponto de constituir um gênero propriamente literário, muito próximo de certas modalidades da épica e às vezes também da lírica, mas com uma história específica e bastante expressiva no conjunto da produção literária brasileira”.⁶

Nesse sentido, um dos seus aspectos distintivos mais notáveis, e também lembrado por Silva, é que ela vai de encontro à pretensa aparência de neutralidade do noticiário de cunho informativo e também à lógica de argumentação, pautada na racionalidade e objetividade, das partes de opinião, como os editoriais; e o mesmo vale para as seções dedicadas ao esporte e, por conseguinte, ao futebol.⁷

Além disso, acrescentaríamos que, também diferentemente dos demais textos da imprensa cujo narrador – lançando mão das categorias de Genette – tenderia para o heterodiegético, o mais das vezes, temos na crônica um narrador em primeira pessoa comportando-se como homodiegético; ou mais, como a crônica tem esse caráter testemunhal, próximo da reportagem, pode-se dizer que esse narrador muitas vezes se aproxima daquele das próprias narrativas de testemunho

3. SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p. 35.

4. SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p. 35.

5. CÂNDIDO. *A vida ao rés do chão*, p. 15.

6. ARRIGUCCI JR. *Fragmentos sobre a crônica*, p. 53. Acerca das origens e desenvolvimento do gênero. Cf. ainda: SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p. 33-36; SÁ. *A crônica*, p. 9-10.

7. Acerca dessa discussão entre a crônica e os demais textos encontrados nos periódicos jornalísticos, cf. SILVA, *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p. 28-30.

e, inclusive, podendo ser partícipe do próprio fato relatado, como em um discurso autobiográfico, aproximando-se, então, de um narrador autodiegético.⁸

E, desse modo, os fatos são apresentados como que vivenciados e/ou testemunhados pelo próprio cronista, que, além de tudo, se vale de um coloquialismo nada solene, reforçando ainda mais a sua proximidade com o leitor.⁹ Diga-se de passagem, esse tom amigável entre leitor e cronista propiciou, nas crônicas de futebol, a criação de algumas expressões que, ao caírem no gosto do público, tornaram-se verdadeiras marcas registradas do autor. O jornalista Sérgio Porto, por exemplo, nos seus relatos durante os jogos da Copa de 62, chega a abrir mão da palavra “bola”, para tratá-la simplesmente por “Leonor”. E várias também foram aquelas cunhadas por Nelson Rodrigues, certamente, o que mais se celebrizou nesse quesito: “o complexo de vira-latas”, “a pátria em chuteiras”, “os idiotas da objetividade”, “o sobrenatural de Almeida”.

E, de fato, esse tom aparentemente casual conferido ao testemunho do narrador da crônica teve também uma grande relevância para o gênero, e Cândido chamou a atenção para isso: “Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade [...], ela [a crônica] se ajusta à sensibilidade do dia a dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo mais natural”;¹⁰ e, adiante, complementando: “por

serem leves e acessíveis”, “talvez elas [as crônicas] comuniquem, mais do que um estudo intencional, a visão humana do homem na sua vida de todo o dia”.¹¹

E não há dúvida de que é justamente essa “visão humana” de “todo o dia” que veio a desencadear a própria relação *sui generis* da crônica com o tempo. Como destacaria o crítico, pelo fato de a crônica ser escrita para uma publicação efêmera, transitória, o seu intuito, pelo menos a princípio, não seria propriamente o de durar para a posteridade, mas também por isso mesmo é que ela “consegue, quase sem querer, transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava”.¹²

Em outras palavras, se aqueles outros textos publicados na imprensa estão, por assim dizer, encerrados em um determinado acontecimento, indissociados de sua época e de seu meio, por outro, conforme salientou Silva, a crônica é “uma tentativa de fixar em palavras aquilo que se perde com o tempo, o circunstancial, a simples contingência”.¹³ Com efeito, como observou Arrigucci, “a uma só vez, ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos”.¹⁴

E isso ocorre porque, na crônica, a relação entre o factual e a história é de outra natureza. De maneira que, embora à

8. GENNETE. *Fiction et diction*; cf. GALLE. *Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica*, p. 85.

9. Cf. SÁ. *A crônica*, p. 9: “Quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem”.

13. SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p.31.

14. ARRIGUCCI JR. *Fragmentos sobre a crônica*, p. 53.

11. CÂNDIDO. *A vida ao rés do chão*, p. 19.

12. CÂNDIDO. *A vida ao rés do chão*, p. 14.

10. CÂNDIDO. *A vida ao rés do chão*, p. 13-14.

primeira vista estivesse “destinada à pura contingência”, ainda palavras de Arrigucci, não raro ela adquire “a espessura de um texto literário” vindo, então, a se tornar “pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, um conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história”.¹⁵

E assim, do mesmo modo no que concerne às crônicas de futebol, e aí vale remetermo-nos mais uma vez a Silva, justamente, por sua liberdade “literária”, a crônica afasta-se da objetividade e da factualidade do jornalismo e, ao assumir subjetivamente os temas, transforma-se “no lugar em que é possível uma interpretação mais produtiva do jogo de futebol”, retirando-o “da moldura objetiva da notícia, que só vê seus aspectos estritamente esportivos, para dar-lhe um ‘enquadramento de significação’”; conforme conclui o teórico, “através dela o futebol deixa de ser apenas um esporte e adquire uma dimensão de representação, uma ‘ressonância alegórica’, tornando-se uma ‘metáfora de situações universais’”.¹⁶ Não por acaso Armando Nogueira compara as crônicas de futebol de Nelson Rodrigues a “um teatro que envolve todas as paixões humanas”, “um pretexto para mergulhar em suas obsessões: o heroísmo e o medo, a multidão e o indivíduo, a vida e a morte”.¹⁷

Com efeito, retornando à questão envolvendo mais precisamente a figura de Garrincha, depreendemos que, se, por

um lado, os demais textos do jornal deram inegavelmente um enorme contributo para sua transformação em ídolo nacional, por outro, a crônica parece ser um lugar em que podemos contemplar melhor os horizontes dessa representação.

Ademais, se a crônica “sob vários aspectos é um gênero brasileiro” – não que aqui tenha nascido, mas, pela “naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”, como ressaltou Cândido¹⁸ –, e, especificamente, a crônica de futebol, como destacou Silva, é um “gênero tipicamente nosso”,¹⁹ nada melhor do que a própria para pensarmos na construção de um herói tão à ‘nossa’ maneira como Garrincha.

E indo mais além, como lembrou Silva, o próprio surgimento da crônica de futebol coincide com a implantação do esporte no país, e à medida que ele se populariza, ela ganha mais destaque e espaço no jornal; até que, no período das décadas de 50 a 70, encontramos a maior parte da produção por parte dos mais celebrados de nossos cronistas de futebol.²⁰ Ora, é também neste íterim que se passa justamente a carreira de Garrincha, cujo auge, grosso modo, deu-se no período envolvendo as duas Copas, de 58 e 62.

Logo, não poderia ser diferente; a crônica por inúmeras vezes apontou também seus holofotes na direção do jogador, e com nomes de grande prestígio como Mário Filho, João

18. CÂNDIDO. *A vida ao rés do chão*, p. 15. Similar citação foi feita também por ARRIGUCCI JR. *Fragments sobre a crônica*, p. 51.

19. SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p.33.

20. SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p. 33-34.

17. Armando Nogueira, (orelha), in: RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*.

15. ARRIGUCCI JR. *Fragments sobre a crônica*, p. 53. Acerca da questão, cf. ainda SILVA, *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p.36

16. SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p. 38.

Saldanha, Stanislaw Ponte Preta, Paulo Mendes Campos, Armando Nogueira, Nelson Rodrigues. Conforme podemos ainda notar, a par de todas as características aqui levantadas e que reúnem os autores em torno de um mesmo gênero, temos também diferenças estilísticas e/ou de perspectiva, mas que, longe de constituírem um empecilho a nossa análise, vêm, ao contrário, matizar ainda mais este quadro em que se pinta a imagem multifacetada desse ícone nacional e em que se podem também contemplar alguns de seus contornos mais curiosos.

GARRINCHA: O (ANTI-)HERÓI PELO OLHAR DOS CRONISTAS

Na ocasião da morte do ídolo brasileiro, Carlos Drummond de Andrade teria escrito:

A necessidade brasileira de esquecer os problemas agudos do país, difíceis de encarar, ou pelo menos de suavizá-los com uma cota de despreocupação e alegria, fez com que o futebol se tornasse a alegria do povo. Pobres e ricos param de pensar para se encantar com ele [...]. Mané Garrincha foi um desses ídolos providenciais com que o acaso veio ao encontro das massas populares e até dos figurões. Não seria mesmo uma indicação de que o país, despreparado para o destino glorioso que ambicionamos, também conseguiria vencer suas limitações e deficiências e chegar ao ponto de grandeza que nos da-

ria individualmente o maior orgulho, pela extinção de antigos complexos nacionais?²¹

As palavras de “Mané o sonho” são oportunas para que façamos um breve parêntese, antes de adentrarmos a discussão mais específica sobre a personagem de Garrincha na crônica brasileira, para um fenômeno muito comum quando se aborda o tema do futebol e que é também fundamental para pensarmos um personagem como esse da memória coletiva brasileira. Em um primeiro momento, o autor alude, pois, a este rótulo tão elementar quando se comenta o futebol, a “alienação”, porém, no passo seguinte, é destacado algo que vai além do simples rótulo, e o que se depreende da citação, ao final, é uma espécie de “tensão” entre dois polos: de um lado, a fuga diante dos problemas; de outro, a representação de toda uma coletividade, inclusive, com suas “limitações e deficiências”.

Ao certo, também nas crônicas de futebol, em muitos momentos, verificamos uma exaltação dessa “paixão nacional” que poderia levar a supor um esquecimento dos problemas sociais mais prementes, e, nesse sentido, a própria linguagem, com o ar descompromissado de gênero “menor”, a que nos referimos antes, pode também sugerir-lo fortemente. Contudo, conforme também ressaltamos, e sem que tenhamos a pretensão de dissociar uma coisa da outra, é inegável a presença

21. ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 217.

de um substrato cultural em que esses textos se fundam, e é, sobretudo, nele que devemos pautar a nossa análise.

Dito isso, então, e uma vez redirecionando o foco mais precisamente para a imagem de Garrincha nas crônicas de futebol, tomemos logo uma assertiva de Nelson Rodrigues: “Hoje, sabemos que o problema de cada um de nós é ser ou não ser Garrincha. Deslumbrante país seria este, maior que a Rússia, maior que os Estados Unidos, se fôssemos 75 milhões de Garrincha”.²² Ora, a afirmação ilustra bem como, especialmente nas mãos do cronista, essa personagem veio a se tornar um autêntico representante dos anseios da nação – e que, de algum modo, ecoa na passagem supracitada de Drummond. Mas, além disso, a par de seu tom marcadamente ufanista, devemos inferir alguns elementos que porventura vêm a fundamentá-la e que estão, aliás, enraizados em nossa própria cultura.

Logo, salta aos olhos, ao nos depararmos com as crônicas de Nelson Rodrigues, que, a par de todo esse ufanismo a florado com que costumeiramente exalta as vitórias do nosso *escrete*, o autor se utiliza do futebol, dentre outras coisas, para nos alertar, a seu modo, sobre a necessidade de superar nossas imperfeições, e é notório que, para tanto, ele se valha também da imagem de um “garoto de pernas tortas”, capaz de ignorar, até mesmo, a sua deficiência mais evidente:

Com esse nome cordial e alegre de anedota, ele tomou conta da cidade, do Brasil e, mais do que isso, da Europa. [...] Eu imagino o espanto imenso dos russos diante desse garoto de pernas tortas, que vinha subverter todas as concepções do futebol europeu. Como marcar o imarcável? Como apalpar o impalpável? Na sua indignação impotente, o adversário olhava Garrincha, as pernas tortas de Garrincha e concluía: — “Isso não existe! [...] Num simples lance isolado, está todo o Garrincha, está todo o brasileiro, está todo o Brasil.”²³

De fato, sobre a deficiência de Garrincha, há várias histórias como aquela de sua chegada ao Botafogo comentada, dentre outros, por Armando Nogueira²⁴ e, de forma mais detalhada, por Paulo Mendes Campos: “Uma tarde apareceu para treinar um menino de pernas tortas. Já no vestiário o técnico Gentil Cardoso, rindo-se, chamara a atenção de todos para o candidato: aquele sujeito poderia ser tudo na vida, menos jogador de futebol”; e, mais a frente: “Há coisas que só acontecem com Botafogo, resmungaram nas sociais; um jogador de pernas tortas, essa não.”²⁵ Ainda a esse respeito, Wisnik recorda como essa deficiência foi vista, paradoxalmente, como uma vantagem naquela inusitada comparação proposta por Alex Bellos, entre Garrincha, saci e curupira. Assim como esses “dois monstros”:

Garrincha “tinha um perfil incomum abaixo da cintura”, como eles “era astuto ágil [...] impossível de pegar” e, “por

22. RODRIGUES. *A pátria em chuteiras*, p. 78.

23. RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 64.

24. NOGUEIRA; ARAÚJO NETO. *Drama e glória dos bicampeões*, p. 76.

25. CAMPOS. *O gol é necessário*, p. 24.

causa de seu alinhamento, [...] capaz de se mover em direções imprevisíveis [...]. Em resumo [...] esse “antiatleta”, esse “desafio à medicina esportiva” era “um fio de prumo, um homem que só caía quando derrubado. E, que pelo contrário, desequilibrava os outros”.²⁶

E é fato que, para além de um caráter mítico ou verossímil, essas inúmeras afirmações refletem o quanto a deficiência do jogador ficou marcada na memória coletiva, sobretudo, como algo que muito provavelmente tolheria a qualquer outro a possibilidade de se tornar um jogador profissional. Mas Nelson Rodrigues vai além, ao projetar essa imagem na própria realidade de um país que almeja uma maior visibilidade no cenário mundial – nesse caso, a referência a um “garoto” não parece casual – e que precisa, antes de tudo, resolver o seu “complexo de vira-latas”, essa “inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores, sobretudo, no futebol”.²⁷

Pois, como destacou Wisnik a propósito do cronista: “Na sua análise, o brasileiro é – ou tornou-se – um ‘narciso às avessas que cospe na própria imagem’ por uma orgulhosa e pusilânime precaução contra o medo de sofrer.”²⁸ E, é assim que contra isso reagiria o cronista: “A santa a pura verdade é a seguinte: qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas ambições e se põe em estado de graça, é algo único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção”.²⁹

Em outras palavras, trata-se de rever o que tradicionalmente o brasileiro reconhece como algo que o inferioriza – não seria os seus “antigos complexos” de que nos fala Drummond?³⁰ –, e, mais ainda, que saiba utilizar isso mesmo, que, à primeira vista, parece uma desvantagem, a seu favor. E, nesse ponto, oportunamente, nos valhamos mais uma vez das palavras de Wisnik:

Sua curta carreira, que espande entre 58 e 62, sua decadência trágica, suas famosas pernas tortas, fazendo do déficit uma vantagem, contêm esse momento de afirmação gloriosa e fulgurante da face positiva desse complexo, dando um toque profundo e popular às formulações cosmopolitas da bossa nova e da arquitetura de Brasília.³¹

E é, pois, nesse contexto, que “seu Mané” passa a assumir, sobretudo, nas crônicas de Nelson Rodrigues, um papel de grande relevância para um povo que começa a “desconfiar que é bom, que é gostoso ser brasileiro” – conforme se lê em seu texto com o sugestivo título “Descoberta de Garrincha”³² – afinal de contas, o elemento primordial da vitória não é outro senão o “traço decisivo do caráter brasileiro”, isto é, “a molecagem”,³³ “um elemento inédito, revolucionário e criador.”³⁴ E a tal ponto que Nelson Rodrigues chega a dizer, em “O escrete de loucos”:

Ele [o europeu] viria a apurar que o forte do Brasil não é tanto o futebol, mas o homem. Jogado por outro homem o

30. Cf. *supra*.

31. WISNIK. *Veneno remédio. O futebol e o Brasil*, p. 273.

32. RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 65.

33. RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 80.

34. RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 81.

26. WISNIK. *Veneno remédio. O futebol e o Brasil*, p. 276.

27. RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 62.

28. WISNIK. *Veneno remédio. O futebol e o Brasil*, p. 268.

29. RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 65. Cf. WISNIK. *Veneno remédio. O futebol e o Brasil*, p. 268.

mesmíssimo futebol seria o desastre [...]. Jamais, em toda a experiência do Chile, o tcheco, ou inglês, entendeu os nossos patrícios. Para nos vencer, o alemão ou suíço teria de passar várias encarnações aqui. Teria que nascer em Vila Isabel, ou Vaz Lobo. Precisaria ser camelô no Largo da Carioca. Precisaria de toda uma vivência de boteco, de gafeira, cachaca, de malandragem geral.³⁵

Também, sob essa ótica, é que devemos compreender a sua asserção: “citei a brincadeira de Garrincha num final dramático de jogo. Era a molecagem. Aqueles quatro ou cinco tchecos parados diante de Mané, magnetizados, representavam a Europa”;³⁶ e, sem dúvida, é por esse viés que começamos a entender melhor “o nosso problema” de “ser ou não ser Garrincha”, referido acima, nessa exposição. E também é digno de nota o fato de que a “molecagem” de Garrincha é ainda imbuída de uma “espontaneidade” única, a qual Nelson Rodrigues comentaria, em “Garrincha não pensa”:

Comparem o homem normal, tão lerdo, quase bovino nos seus reflexos, com a instantaneidade triunfal de Garrincha. Todos nós dependemos do raciocínio. Não atravessamos a rua, ou chupamos Chica-bon, sem todo um lento e intrincado processo mental. Ao passo que Garrincha nunca precisou pensar. Garrincha não pensa. Tudo nele se resolve pelo instinto, pelo jato puro e irresistível do instinto. E, por isso mesmo, chega

sempre antes, sempre na frente, porque jamais o raciocínio do adversário terá a velocidade genial de seu instinto.³⁷

O que se nota, pois, é que esses traços de “molecagem”, ligados à “brasilidade” e a uma “espontaneidade” ímpar, convergem para uma imagem, por diversas vezes, menos ligada à de um grande vencedor, propriamente dito, do que à de um “peladeiro”, que encara os jogos profissionais da mesma forma que aquelas ‘peladas’ em sua cidade natal, a pacata Pau Grande, nas ensolaradas tardes de domingo. Mário Filho comenta que “Garrincha não se preocupa com os jogos que vai disputar, por mais importantes que sejam. E uma prova disso está em que chama todos os adversários de João”;³⁸ e se “um russo, mesmo que seja o próprio Kruschev, se entrar em campo e jogar contra ele, é um João como outro qualquer. Ele não distingue um russo dum inglês, um inglês dum panamenho, tudo é João”.³⁹ E Mário Filho acrescenta ainda, a propósito de sua ausência na Copa de 54: “jogaria contra os húngaros de 54 como se estivesse jogando contra o Madureira. Se um húngaro caísse sentado no chão depois de um drible dele [...] perguntaria [...] quem era aquele João”.⁴⁰

Tudo isso culmina no fato de que as questões mais pragmáticas do futebol, como a tática, ou, até mesmo, o gol ou a própria vitória, chegam a ficar em segundo plano diante dos dribles de Mané, conforme se pode ver naqueles minutos

35. RODRIGUES. *A pátria em chuteiras*, p. 80.

36. RODRIGUES. *A pátria em chuteiras*, p. 81.

37. RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 74.

38. MÁRIO FILHO. *O sapo de arubinha*, p. 210.

39. MÁRIO FILHO. *O sapo de arubinha*, p. 235.

40. MÁRIO FILHO. *O sapo de arubinha*, p. 211-212.

derradeiros da partida final do Mundial de 62, tais quais descritos por Nelson Rodrigues:

A partida está no fim. O juiz russo espia a relógio. E o Brasil não precisa vencer um vencido. A Tcheco-Eslováquia está derrotada [...]. Mas Garrincha levou até a última gota o seu olé solitário e formidável. Para o adversário, pior e mais humilhante do que a derrota, é a batalha desigual de um homem só contra onze. A derrota deixa de ser sóbria, severa, dura como um claustro. Garrincha ateava gargalhadas por todo o estádio.⁴¹

Ainda quanto a essa questão, lembremos como, subvertendo a estratégia do próprio técnico Aimoré Moreira, Garrincha triunfou contra os ingleses, pela Copa de 62, na “pura picardia”, conforme relata Armando Nogueira:

Na hora do fogo, Garrincha subverteu fundamentalmente a estratégia: só ia à lateral para driblar e divertir-se com os ingleses colocados diante dele em fila indiana ou em leque, bem juntinhos, quase de mãos dadas. Parecia brincadeira de roda, ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar. De repente, Garrincha furava o cerco, a bola agarrada nos pés e metia-se pelo meio. Assim ganhou a partida, indo à ponta para brincar e voltando ao meio para fazer gols.⁴²

Ainda a respeito dessa questão, Wisnik nos reporta a um artigo de José Leite Lopes e Sylvain Maresca que

associaria esse “futebol puramente instintivo”⁴³, como destacou Armando Nogueira, com o próprio amadorismo que o jogador carrega para a vida profissional:

O futebol de Garrincha tem uma base social intimamente ligada ao mundo do amadorismo. Como instinto, Garrincha leva para sua experiência profissional (à qual chegou, aliás, relativamente tarde e sem nenhuma pressa, um ano depois de ter sido descoberto por um “olheiro” em Pau Grande) as características próprias do futebol amador, que ele amadureceu sem nenhum esforço específico no sentido de “superá-las”.⁴⁴

Aliás, a própria imprensa, em muitas oportunidades, contribuiu com essa imagem. Lembremos aquela entrevista em que, após indagado por Sérgio Porto acerca de seus adversários ingleses, Garrincha simplesmente responde: “Igualzinho ao São Cristóvão”, com base, obviamente, na semelhança entre os uniformes dos times.⁴⁵ Flávio Porto nos lembra também da resposta dada por “Seu Mané, sempre alheio a tudo” quando perguntado sobre qual seria o grande adversário do Brasil na Taça do Mundo de 62: “‘Eu acho que é a Áustria, né?’. O jornalista que fez a pergunta sorriu, e explicou que a Áustria não jogava. Garrincha arregalou os olhos e lascou: ‘Chi...é? Por quê?’”⁴⁶

E, em consonância, Garrincha é amiúde retratado como alguém que, a par de toda a aura de herói nacional, é, em

43. NOGUEIRA; ARAÚJO NETO. *Drama e glória dos bicampeões*, p. 79.

44. WISNIK. *Veneno remédio: O futebol e o Brasil*, p. 271.

45. PRETA. *Bola na rede: a batalha do bi*, p. 75.

46. PRETA. *Bola na rede: a batalha do bi*, p. 81.

41. RODRIGUES. *A pátria em chuteiras*, p. 79.

42. NOGUEIRA; ARAÚJO NETO. *Drama e glória dos bicampeões*, p. 74.

sentido oposto, desprovido de qualquer soberba. Segundo Paulo Mendes Campos: “Somente Mané e uns poucos ungidos nasceram e cresceram com essa pureza, com essa espontaneidade inalterável [...] – e isso é ainda mais raro de se achar – ao receber alegremente a glória e o carinho do povo”.⁴⁷ Aliás, seja nas crônicas, seja na imprensa, não constatamos sequer uma mínima preocupação por parte do ídolo com a obtenção e/ou manutenção de qualquer *status*.

Mário Filho se indaga: “Ou estamos muito enganados ou Garrincha não tem vaidade. Se a tivesse não se esconderia em Pau Grande, andaria em Copacabana, se exibindo [...]. Ele vai para Pau Grande. É lá que Garrincha se sente melhor, à vontade.”⁴⁸ Paulo Mendes Campos ainda afirma que: “Nunca houve homem famoso menos mascarado, menos cômico de sua importância. Algumas pessoas, à custa de autodomínio, conseguem isso. Mas a Garrincha não custava nada.”⁴⁹ E o mesmo autor retoma ainda momentos da infância do ídolo em que “na fábrica de tecidos, em Pau Grande, Garrincha não vivia sonhando com a glória. Sonhava com as horas de folga, quando podia caçar passarinho ou jogar pelada. Era por natureza alegre e brincalhão.”⁵⁰

E, diga-se de passagem, o próprio Garrincha teria se apresentado também assim, em várias ocasiões. Paulo Mendes Campos recorda aquela célebre entrevista em que o jogador teria dito: “Eu nunca fui muito de futebol, não!” e, na

sequência, nos oferece a famosa “tirada” sobre o “luto” da Copa de 50:

Ué, vocês querem saber duma coisa? No último jogo daquela Copa que teve aqui no Rio, eu não dei bola. Não ouvi nem rádio. Fui caçar passarinho. Rapaz, quando cheguei de tardinha lá em Pau Grande, levei um susto danado: tava todo mundo chorando. Pensei logo que fosse desastre de trem. Quando me contaram que o Brasil tinha perdido é que fiquei calmo e falei pro pessoal que era bobagem chorar por causa de futebol.⁵¹

E, além de tudo, ressaltamos que essa imagem é respaldada na própria origem humilde do jogador, revelando-se, inclusive, em sua escolaridade precária, que também não escapou à imprensa, tampouco aos cronistas. Flávio Porto comenta, por exemplo, de quando Garrincha advertiu Amarildo pelo nervosismo do companheiro nestes termos: “Deixa de *boba-gi*, Amarildo: esses *intaliano* não são de nada”, sendo que os “*intalianos*” eram ingleses.⁵² E também, muitas vezes, essa característica é tomada com um ar de descompromisso, ou, mesmo, de anedota, como em sua indagação aos dos jornalistas, segundo nos conta Armando Nogueira: “É um tal Frau que vai me marcar?”, referindo-se ao jogador Flower do selecionado inglês, “eu vou enrolar esse sacana”.⁵³

E é óbvio que esse é mais um forte traço de identificação do herói com a nação que representa, em cima do que Paulo

47. CAMPOS. *O gol é necessário*, p. 32.

48. MÁRIO FILHO. *O sapo de arubinha*, p. 211.

49. CAMPOS. *O gol é necessário*, p. 32.

50. CAMPOS. *O gol é necessário*, p. 32.

51. CAMPOS. *O gol é necessário*, p. 26.

52. CAMPOS. *O gol é necessário*, p. 76.

53. NOGUEIRA; ARAÚJO NETO. *Drama e glória dos bicampeões*, p. 74.

Mendes Campos encontra uma justificativa para esse modo “errado” de falar, associando-o paradoxalmente com a “qualidade ardilosa” da inteligência do “homem do interior”:

Dentro e fora do campo. A qualidade ardilosa de sua inteligência – tão comum, aliás, em nosso homem do interior – pode ser imediatamente notada em um detalhe: Mané fala errado, à maneira do homem da roça, de propósito, por astúcia, porque se tentasse falar corretamente cometeria erros involuntários.⁵⁴

E é também nesse sentido, que essa imagem de sujeito humilde, vitimado pelas mazelas mais comuns entre os brasileiros – embora não, em absoluto, consciente disso –, veio, por diversas vezes, a adquirir um ar de puerilidade. Nelson Rodrigues proclamou quando de sua expulsão no jogo contra o Chile que: “Não há no Brasil, não há no mundo, ninguém tão terno, ninguém tão passarinho quanto o Mané. O sujeito que se aproxima dele tem vontade de oferecer-lhe alpiste na mão”.⁵⁵ Carlos Drummond de Andrade também teria comentado a respeito de “um pobre e pequeno mortal que ajudou um país inteiro a sublimar suas tristezas”,⁵⁶ de um “moço simples [...] à beira da estrada, vendo passarinho voar. Passou o destino, bateu-lhe no ombro e disse: “Vai brincar. Sua cabeça, como seu coração, era simples. Ele não tinha que responder, senão brincar.”⁵⁷ Armando Nogueira

diria que “Garrincha nasceu para conviver com a bola, brincando com ela em qualquer canto do campo”.⁵⁸

Mas, como lembraria o mesmo Drummond, em outra oportunidade, trata-se de “uma inocência que não excluía espertezas”⁵⁹, e Paulo Mendes Campos salienta: “Cândido mas não ingênuo. Pelo contrário, Mané é, antes de tudo um astuto.”⁶⁰ Também Wisnik destacaria assim, essa virtude do herói, remetendo-se a Nelson Rodrigues: “As mazelas vulgares não lhe são alheias, do tipo do oportunismo rasteiro, da violência velada ou explícita [...] A sua maldade é infantil, inocente de consequências, não premeditada.”⁶¹ E o teórico, ao certo, se refere mais especificamente àquela passagem de “Descoberta de Garrincha”:

Cada vez que Garrincha passava por um, o público vinha abaixo. Mas não creiam que ele fizesse isso por mal. De modo algum. Garrincha estava ali com a mesma boa-fé inefável com que, em Pau Grande, vai chumbando as cambaxirras, os pardais. Via nos russos a inocência dos passarinhos. Sim: os adversários eram outros tantos passarinhos, desterrados de Pau Grande.⁶²

Logo, se há alguma qualidade à qual poderia estar associada a “inocência” desse “garoto diabólico das pernas tortas”⁶³ – lançando mão aqui da expressão de Paulo Mendes Campos –, essa não poderia ser outra senão a própria “molecagem”

54. CAMPOS. *O gol é necessário*, p. 32.

62. RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 63.

63. CAMPOS. *O gol é necessário*, p. 86.

58. NOGUEIRA; ARAÚJO NETO. *Drama e glória dos bicampeões*, p. 79.

59. ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 217.

60. CAMPOS. *O gol é necessário*, p. 32.

61. WISNIK. *Veneno remédio: O futebol e o Brasil*, p. 284.

55. RODRIGUES. *A pátria em chuteiras*, p. 78.

56. ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p.219.

57. ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p.219.

mencionada por Nelson Rodrigues. E, da mesma forma que a essa “molecagem” devemos acrescentar também aquele atributo do nosso craque pelo qual se tornaria ainda mais notabilizado: o seu drible.

Aliás, vale destacar o quanto essa sua característica seria aclamada pelos mais variados cronistas. Stanislaw Ponte Preta o comprova em um lance do jogo contra a Espanha pela Copa de 62: “Lá vai Garrincha. Parou. O pessoal berra, pedindo que chute. Mas Garrincha amarra. Vai devagarzinho... de repente vira foguete e vai driblando. É João para todo o lado.”⁶⁴ Já Paulo Mendes Campos retomaria os ensinamentos de outro grande ídolo de nosso futebol: “Todos os jogadores do mundo’, ensina o professor Nilton Santos, ‘são marcáveis, menos seu Mané. Mané em dia de Mané só com revólver.”⁶⁵ E também não poderíamos perder a oportunidade de reproduzir aquela cômica passagem contada pelo cronista, a respeito da implicância de Ari Barroso com o jogador:

Dum episódio característico me lembro muito bem. Ari transmitia na tevê um jogo do Botafogo e dizia pausado: “Garrincha com a bola. Vai driblar. É claro. Vai driblar de novo. Vai perder a bola. Olha ali, um saçarico pra cá, outro pra lá. Garrincha passa pelo adversário. Assim também não é possível. Vocês estão vendo? Garrincha vai driblar de novo.

Vai perder. Por que ele não centrou logo? Claro que vai perder. Gol de Garrincha.”⁶⁶

João Saldanha atribui a própria invenção do “olé” a um “olé pessoal. De Garrincha em Vairo”, em um jogo do Botafogo no México,⁶⁷ e Nelson Rodrigues, em “O escrete de loucos”, apresenta-nos uma cena onde os marcadores do “feio e torto”, por um instante, desistiram de tentar tomar-lhe a bola, em uma cena onde, novamente, o “imarcável”⁶⁸ Mané, mais parece estar em uma de suas “peladas” de fim de semana do que propriamente em final de Copa do Mundo:

E, então, os tchecos não perseguiram mais a bola. Na sua desesperadora impotência, estão quietos. Tão imóveis que pareceram empalhados. Garrincha também não se mexe. É de arrepiar a cena. De um lado, uns quatro ou cinco europeus, de pele rósea como nádega de anjo; de outro, feio e torto, o Mané. Por fim, o marcador brasileiro, como única reação, põe as mãos nos quadris como briosa lavadeira. O juiz não precisava apitar. O jogo acabava ali. Garrincha arrasa a Tchecoslováquia, não deixando pedra sobre pedra.⁶⁹

Conforme se pode notar, mais do que qualquer outra coisa, é o aspecto lúdico do drible de Garrincha que importa. É assim que Nelson Rodrigues conta que quando o jogador “apanhava a bola, a multidão ria, simplesmente isto: – ria e com uma saúde, uma felicidade sem igual”⁷⁰, mas com a

64. PRETA. *Bola na rede: a batalha do bi*, p. 43.

65. CAMPOS. *O gol é necessário*, p. 23.

70. RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 74.

66. CAMPOS. *O gol é necessário*, p. 43.

67. SALDANHA. *Os subterrâneos do futebol*, p. 137.

68. RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 64.

69. RODRIGUES. *Pátria em chuteiras*, p. 79.

71. MÁRIO FILHO. *O sapo de arubinha*, p. 232.

ressalva de Mário Filho, de que não é Garrincha quem ri, “os outros, os que estão vendo, é que tem a função de rir”, afinal, “longe de Garrincha querer desmoralizar alguém. Aquele é o jogo dele, o drible dele, não há outro jeito [...] Garrincha, no fundo, é um simples. Quem debocha não é ele, é a torcida”.⁷¹ E, em consonância com essa ‘simplicidade’, Mário Filho nos lembra de um de seus gols antológicos, aquele contra a Fiorentina, em que, após um drible desconcertante que desloca o beque adversário, o mesmo ainda chega a bater com o próprio nariz na trave, numa última, e vã, tentativa de evitar o gol:

Quem o visse apenas voltando de bola na mão [...] não teria a menor ideia de que houvera um gol que só se vê uma vez na vida e outra na morte. Garrincha não era o vencedor arrogante [...]. Era apenas, e naquele momento, mais do que nunca, o “seu” Manuel de Pau Grande, lá da Raiz da Serra, um lugarejo com umas casinhas espalhadas, uma igreja e uma pelada.⁷²

72. MÁRIO FILHO. *O sapo de arubinha*, p. 232.

E, ora, não é difícil notar que é justamente esse aspecto lúdico dos dribles de Garrincha que faz com que eles também venham a pertencer àquele conjunto de elementos, mencionados aqui, e tradicionalmente ligados à nossa formação cultural, na composição dessa imagem multifacetada do herói. A propósito, Wisnik chamaria atenção para como Mário Filho relaciona os dribles de Garrincha com “a longa

intimidade do jogador com passarinhos e pacas, com bichos do mato, cuja rapidez multidirecional ele teria incorporado em sua longa convivência de caçador, mimetizando a caça.”⁷³

E é na linha desse raciocínio que devemos ainda salientar que o seu drible é absolutamente intuitivo, como o confirma o próprio jogador, segundo nos conta Flávio Porto, na ocasião da reportagem da *France Football*, em que é apontado como o melhor jogador da Copa: o jornalista francês após perguntar-lhe, “se sua finta é instintiva ou se tem procurado aperfeiçoá-la com treino especial”, o craque simplesmente responde que “não acredita ter modificado seu modo de passar pelos adversários desde que começou a jogar.”⁷⁴

E, de fato, essa “finta instintiva” caiu no gosto dos cronistas, a ponto de Paulo Mendes Campos evocar a “pura inspiração” para expressá-la; além do mais, é de se notar que seus dribles dispensam treinos, táticas, sendo, absolutamente naturais:

A alegria do futebol de Garrincha está nisso: dentro do campo [...] Garrincha joga futebol por pura inspiração, por magia, sem sofrimento, sem reservas, sem planos [...]. É como se fosse um boneco a que se desse corda: não reflete mais [...]. Se um técnico desprovido de sensibilidade decide funcionar como *cérebro* de Mané, tentando ser a *consciência* que lhe falta, isto é, transmitindo-lhe instruções concretas, lógicas, coerciti-

73. WISNIK. *Veneno remédio: O futebol e o Brasil*, p. 283.

74. PRETA. *Bola na rede: a batalha do bi*, p. 77.

vas, pronto – é o fim. O grande mago perde a espontaneidade, o espaço, o instinto, a força [...]. João Saldanha sabia que não há instrução possível para Garrincha. Se a virtude do Mané nada tem a ver com a lógica, não será através da lógica que lhe corrigiremos os possíveis defeitos. E defeitos e virtudes não são partes que se possam isolar em Garrincha, que escreve certo por linhas tortas. Suas pernas são os símbolos desconexos dessa ilogicidade criadora.⁷⁵

E, como se constata, uma vez tomado como a sua principal característica, o drible assimila aqui aquelas qualidades todas do herói, alheio, em absoluto, à dimensão de sua representatividade, e, em especial, imbuído de uma espontaneidade sem paralelo. E, além disso, essa espontaneidade de seu drible, ao fugir de qualquer padrão tático, ao ignorar qualquer treinamento, relaciona-se com dada “ilogicidade”, a ponto de Paulo Mendes Campos dizer a respeito de Garrincha que: “pode não ser o maior, mas se singulariza por ter demonstrado que a mágica pode ganhar da lógica.”⁷⁶

E, aliás, é no âmbito dessa “ilogicidade” que surgiram também aquelas hipóteses que buscavam uma relação entre a deficiência física e sua tendência ao “terrível drible para a direita”, conforme nos conta Armando Nogueira,⁷⁷ quem, aliás, também chegara a afirmar que, ao ter de driblar pela esquerda, diante da impossibilidade de fazê-lo pela direita, o atleta também consegue êxito, “embora se ressinta, nessa

jogada, do equilíbrio precário na perna de apoio, a direita, que além de mais torta, é mais comprida que a outra mais ou menos dois centímetros”.⁷⁸ Mas, de fato, a sua teoria para o drible de Garrincha como a “própria negação do drible”, descrita, ao certo, por Paulo Mendes Campos, é que mais chama a atenção:

O jornalista Armando Nogueira tem uma teoria muito boa sobre o drible de seu Mané [...]. “O drible”, diz Armandinho, “É, em essência, fingir que se vai fazer uma coisa e fazer outra. Fingir, por exemplo, que se vai sair pela esquerda, e sair pela direita. Pois o Garrincha”, concluiu o comentarista, “é a negação do drible. Ele pega a bola e pára; o marcador sabe que vai sair pela direita; seu Mané mostra que ele vai sair pela direita; quando finge que vai sair pela esquerda, ninguém acredita: ele vai sair pela direita; o público todo sabe que ele vai sair para a direita; seu Mané mostra mais uma vez que vai sair pela direita; a essa altura, a convicção do marcador é garantida: ele vai sair pela direita; Garrincha parte e sai pela direita. Um murmúrio de espanto percorre o estádio: o esperado aconteceu, o antônimo do drible aconteceu”. Descobri há tempos uma graça espantosa nessa finta de Garrincha: às vezes, o adversário retarda o mais possível a entrada em cima dele, na improvável esperança duma oportunidade melhor. Garrincha avança pouco, o adversário recua. Que faz então? Tenta o suficiente para encher de cobiça o pobre João. João parte para a bola de acordo

75. CAMPOS. *O gol é necessário*, p. 28-29.

76. CAMPOS. *O gol é necessário*, p. 72.

78. NOGUEIRA; ARAÚJO NETO. *Drama e glória dos bicampeões*, p. 79.

77. Segundo os estudiosos, diz Armando Nogueira: “Além do defeito nos dois joelhos, Garrincha tem também, um sensível desvio na espinha dorsal e um deslocamento na bacia [...] numa espécie de truque da natureza para ajudá-lo a equilibrar o corpo tão mal servido de pernas [...]. Valia-se ele de um ligeiro deslocamento no centro de gravidade em comparação com o adversário” (NOGUEIRA; ARAÚJO NETO. *Drama e glória dos bicampeões*, p. 80).

79. CAMPOS. *O gol necessário*, p. 28.

80. MÁRIO FILHO. *O sapo de arubinha*, p. 232.

81. WISNIK. *Veneno remédio*, O futebol e o Brasil, p. 272.

83. WISNIK. *Veneno remédio*, O futebol e o Brasil, p. 272.

com o princípio de Nenê Prancha: como quem parte para um prato de comida. Seu Mané então sai pela direita.⁷⁹

E, afinal, se, como ressaltaria Mário Filho, “o drible é como uma emanção dele. Nasce nele espontâneo, irresistível”⁸⁰, ao certo, podemos dizer que os dribles de Garrincha estão entre as suas maiores “espertezas instintivas”, de que nos fala Drummond, integrando-se, então, muito convenientemente àquela “molecagem”, de que viemos tratando, e cujos constituintes, como vimos, fincam raízes profundas em nosso passado; uma conjunção de elementos, que pode, aliás, ser comprovada exemplarmente naqueles “maiores três minutos” da história, assim resumidos por Wisnik:

O espanto e o riso, a gratuidade e a eficácia, a suspensão da oposição entre produtividade e improdutividade, trabalho e brinquedo, finalidade e ócio, que se estampam aí, eram o equacionamento ao mesmo tempo esperado e inusitado das questões formativas cifradas no futebol brasileiro.⁸¹

E, de fato, podemos notar que, juntamente com o drible, os mais variados elementos vêm a compor uma imagem de muitas faces e, sem dúvida, difícil de apreender em todos os seus aspectos; mas que também revelam uma estreita relação entre si, ramificando-se nos estratos mais fundos de nossa formação cultural, a ponto de refletirem o nosso próprio caráter ou, poderíamos dizer, até mesmo, a falta dele; o que fez

com que Drummond propusesse uma comparação de nosso ídolo com aquele herói “sem nenhum caráter”, bem conhecido de nossa literatura:

Garrincha, em sua responsabilidade amável, poderia, quem sabe?, fornecer-nos a chave de um segredo de que era possuidor e que ele mesmo não decifrava, inocente que era da origem do poder mágico e de seus músculos e pés. Divertido, espontâneo, inconsequente, com uma inocência que não excluía espertezas instintivas de Macunaíma – nenhum modelo seria mais adequado do que esse, para seduzir um povo que, olhando em redor, não encontrava os sérios heróis.⁸²

Também Wisnik reconheceu as “virtudes ambivalentes de Macunaíma” em Garrincha:

Sonso, enganosamente retardado e precoce, imprevisivelmente ligado e desligado do tempo do jogo, dono de um drible que podia ser tanto a solução quanto a perdição por excesso, Garrincha era uma espécie de incógnita do dilema brasileiro, colocado entre as mazelas do atraso e as promessas de sua originalidade no modo de inserir-se na realidade dos tempos modernos.⁸³

E, nesse sentido, o próprio relato da vida de Garrincha pelo biógrafo Ruy Castro sugere uma forte identificação de

82. ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, 217-218.

84. CASTRO. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*.

85. WISNIK. *Veneno remédio, O futebol e o Brasil*, p. 275

Manoel Francisco dos Santos com o afamado anti-herói de nossa literatura,⁸⁴ como o mesmo Wisnik observou:

É notável o fato de que os fragmentos biográficos colhidos por Ruy Castro para *Estrela Solitária*, baseados em testemunhos, “colam” perfeitamente na narrativa mítica do “herói de nossa gente”, a começar do seu nascimento excepcional e crescimento anormal, onde se juntam marcas ambíguas de precocidade e retardamento.⁸⁵ [...] Essa marca de nascença lembra também um traço cultural reconhecido e assinalado por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*, quando fala das tantas crianças com pernas entortadas pela posição em que ficavam carregadas nas costas da mãe [...]. Fato que conferem a esse mestiço das três raças aquela marca de liminaridade a que se refere Antezana própria dos seres míticos e nunca domesticados [...]. As peculiaridades do acesso inicial à fala, combinadas com o transtorno das noções temporais, a intimidade selvagem com os rios e os bichos, a mistura de reverência respeitosa aos mais velhos com ingovernabilidade incorrigível, a capacidade de desconcertar e seduzir, tudo isso pode ser reconhecido sem dificuldade, também, nas primeiras páginas da saga do ‘herói sem nenhum caráter’. Além dessas características, pode-se identificar neles a precoce disposição para o sexo.⁸⁶

Sem dúvida, a biografia permite, segundo uma visão retrospectiva, uma abordagem mais detalhada de certos

assuntos relacionados à vida do biografado, enquanto a crônica, como vimos, trata o evento de uma forma mais pontual. E se nota que, de fato, a narrativa de Ruy Castro aborda de forma mais acurada algumas questões para as quais as crônicas deram um tratamento mais vago ou menos detalhado, tais como a origem do jogador, seus ancestrais, a ausência do pai em sua educação – o que, aliás, como Wisnik lembra, o coloca na galeria daqueles “heróis sem pai, ou para os quais não comparece um pai que os constitua pelo limite”, como Macunaíma⁸⁷ –, os problemas conjugais e extraconjugais, a precocidade para o sexo.

Mas, certamente, embora as crônicas tenham dado um maior destaque aos eventos da vida de Garrincha enquanto jogador, reportando-se, o mais das vezes, aos memoráveis lances e jogos, isso não significa que todas aquelas questões, algumas tão difundidas pela própria imprensa, não serviram de pano de fundo também para os cronistas. Basta lembrar aquelas menções à sua infância livre, despreocupada, inclusive, com os estudos, e que reflete naquela sua imagem de matuto, de que tratamos aqui.

Além disso, temos aqueles tantos casos contados por João Saldanha, que nos descreve, em meio às tantas peripécias de Mané, algumas de suas escapadas amorosas. “Nunca vi tanta fertilidade”, o cronista teria confessado, nos revelando o apetite irrefreável de Garrincha, sem hora, nem lugar, seja por

87. WISNIK. *Veneno remédio, O futebol e o Brasil*, p. 285.

86. WISNIK. *Veneno remédio, O futebol e o Brasil*, p. 275-278.

88. SALDANHA. *Futebol e outras histórias*, p. 27.

89. SALDANHA. *Os subterrâneos do futebol*, p. 171.

90. WISNIK. *Veneno remédio*, O futebol e o Brasil, p. 279.

93. WISNIK. *Veneno remédio*, O futebol e o Brasil, p. 279.

uma “camareira desprevenida”, “baixinha, sardenta, muito vermelhinha e bem feinha”⁸⁸, na Suécia, seja, em um hotel de Goiás, por uma “dona lá da rouparia”, “baixinha e muito gasta, que já tinha passado dos cinquenta, folgado.”⁸⁹

Em outros termos, os traços biográficos de Garrincha que o tornam essa figura macunaímica, e que foram bem retratados por Ruy Castro, resurgem amiúde e de variadas formas, ainda que de forma mais pontual, também nas crônicas. Mas Wisnik vai ainda além, ampliando a comparação a outro personagem, de um tempo mais recuado de nossa literatura, e que também tem raízes profundas na cultura brasileira: Leonardinho, de *Memórias de um sargento de milícias*, o romance de Manuel Antônio de Almeida, de 1853, “em cuja estrutura interna Antônio Cândido identificou o princípio da ‘dialética da malandragem’ como marca da sociabilidade brasileira, escorregando sempre entre a ordem e a desordem”.⁹⁰ O que Wisnik propõe, afinal, é uma comparação entre Leonardinho e o “Mané” das crônicas de Saldanha, nas quais este último se transforma no próprio major Vidigal:

No papel de técnico da equipe, Saldanha faz de certo modo, a figura, ironicamente consciente, de uma espécie de major Vidigal que, além de dirigir o time em campo, deve pastorear e reprimir as pulsões malandras desse conjunto de futebolistas [...]. A escrita de João Saldanha nas crônicas de *Os subterrâneos*

do futebol está em perfeita intimidade com o malandro retratado, e nela o major Vidigal de Almeida não é necessariamente menos astuto que seus objetos de vigilância. O técnico-jornalista e escritor, inserido no “intertexto” da malandragem, está recriando, certamente, o caldo de cultura que ele conhece profundamente e do qual faz parte.⁹¹

E é assim que chegamos a essa mostra derradeira de nosso herói ou, melhor dizendo, de nosso “anti-herói”, multifacetado Mané, que irá driblar qualquer um que venha a tolher suas vontades fora de campo, com a mesma facilidade com que dribla seus adversários dentro dele. Wisnik nos lembra das palavras do “cronista-treinador” João Saldanha a respeito de seu comandado: “o driblador dentro do campo e o driblador fora do campo são o mesmo”; ou ainda: “jamais vi alguém tão desconcertante, tão driblador. É impossível adivinhar-se o lado por onde Mané vai *sair* da enrascada.”⁹² E assim, afinal, vislumbrando uma última faceta desse Mané que, como resume Wisnik, adquire

o status de um *trickster* de antologia, um prodígio da astúcia universal, um macaco-jabuti Pedro Malasartes, saci-curupira e Leonardinho, todos juntos num só. Inspirado por seu apetite irrefreável de *brincar*, no campo de jogo e fora dele, no sentido carnavalesco e no sentido macunaímico.⁹³

91. WISNIK. *Veneno remédio*, O futebol e o Brasil, p. 279-280.

92. WISNIK. *Veneno remédio*, O futebol e o Brasil, p. 281.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In. _____ . **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2002.
- CAMPOS, Haroldo de. **Morfologia de Macunaíma**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- CAMPOS, Paulo Mendes. **O gol é necessário**: crônicas esportivas. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- CÂNDIDO, Antônio. Dialética da Malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias). **Revista do Instituto de estudos brasileiros**, São Paulo, USP, nº 8, p. 67-89, 1970.
- _____. A Vida ao rés do chão. In. CÂNDIDO, Antônio (org.). **A Crônica**: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da UNICAMP/ Fundação Casa Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.
- FILHO, Mário. **O Sapo de arubinha**. Os anos de sonho do futebol brasileiro. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- GALLE, Helmut (et al.) (org.). **Em primeira pessoa**: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH, USP, 2009.
- GENETTE, Gerard. **Fiction et diction**. Paris: Éditions du Seuil, 1991.
- NOGUEIRA, Armando. **Bola na rede**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974.
- NOGUEIRA, Armando; NETO, Araújo. **Drama e glória dos bicampeões**. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1962.
- PEDROSA, Milton (org.). **Gol de letra**: o futebol na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Gol, 1967.
- PRETA, Stanislaw Ponte Preta. **Bola na rede**: a batalha do bi. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**. Novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SALDANHA, João. **Futebol e outras histórias**. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- _____. **Os subterrâneos do futebol**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1963.
- SÁ, Jorge. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2001.
- SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida**. Rio de Janeiro: Gryphius, 1998.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. 122f. Dissertação (mestrado). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1997.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FILMOGRAFIA

ANDRADE, Joaquim Pedro de. **Garrincha, alegria do povo**. Brasil, preto & branco, 1962, 60 min.